

As Mulheres em Gil Vicente

Exposição: Galeria do Teatro Municipal Joaquim Benite

14/03-07/06/2025

Curadoria: José Camões e Nuno Costa Moura

Produção: Museu Nacional do Teatro e da Dança /

Companhia de Teatro de Almada

O título escolhido para a exposição patente entre março e junho no Teatro Municipal de Almada — *As mulheres em Gil Vicente* — é particularmente feliz. Traduzida em personagens individualizadas ou tipificadas, a mulher, aqui, não é apenas um assunto abstracto ou meramente temático. Dispensando a maiúscula, existe como uma componente de um mundo que Gil Vicente povoou generosamente com figuras variadas, inscritas numa tradição «histórica, mitológica ou alegórica», ou «surgidas da realidade cultural e quotidiana contemporânea do autor e do seu público». O que, de resto, também é o caso para as personagens masculinas, não fossem as mulheres do teatro de Gil Vicente terem um destaque maior no imaginário do espectador pelo seu forte protagonismo e singularidade.

Os dois comissários reúnem os imprescindíveis conhecimentos em que assenta a exposição: Nuno Costa Moura, como director do Museu Nacional do Teatro e da Dança (MNTD) entre 2021 e 2024, e profundo conhecedor do espólio histórico do teatro em Portugal depositado e conservado no Museu; José Camões, como docente universitário (FLUL) e historiador do teatro português, especialista da obra vicentina, com projectos académicos de investigação e publicações na área. Ambos partilharam a produção da exposição internacional *Gil Vicente, Portugal e Espanha nos Primórdios do Teatro Europeu*, apresentada no MNTD entre outubro de 2023 e abril de 2024.

Nesta mostra documental, de menor dimensão, o visitante segue um percurso que selecciona a maioria das figuras femininas do teatro de Gil Vicente entre as mais emblemáticas, no período 1502-1536. Ilustrado pelos materiais que integram

o espólio arquivístico conservado no MNTD, ou que resultam de um trabalho de recolha junto de companhias contemporâneas, o tema da exposição é desenvolvido a partir de fotografias de teatro, em que o espaço cénico e a encenação, juntamente com os figurinos, são o guião dramático que dá vida às personagens, com as suas características próprias, integradas nas variações estéticas que conotam a recepção das obras clássicas no tempo. O conjunto dos trajes desenhados por José de Almada Negreiros para a sua encenação do *Auto da Alma* em 1965 é disso um exemplo, mas o debate formal dominante faz-se entre a aproximação dos figurinos com o contexto histórico-cultural de origem dos textos, como nas encenações de Mário Barradas e de Fernando Mora Ramos, nomeadamente, e uma maior liberdade inventiva dos criadores Luís Miguel Cintra, Ricardo Pais, Nuno Carinhas, Carlos Avilez, António Pires, entre outros, que propõem uma elaboração discursiva oposta, cruzando vários universos semióticos.

A instituição que acolhe a exposição é particularmente vocacionada para dialogar com o universo dos materiais expostos. Acertadamente distribuídos pelo espaço da Galeria do Teatro Municipal Joaquim Benite, sede da Companhia de Teatro de Almada, encaminham o visitante para uma descoberta dramática e teatral da pluralidade e da diversidade da figura feminina na obra vicentina e da multiplicidade das suas leituras desde os anos 1930-1950, com a Companhia Amélia Rey Colaço e o Teatro do Povo, até 2023, data da encenação por Pedro Penim no Teatro Nacional Dona Maria II da *Farsa de Inês Pereira*, em que a figura feminina é interpretada pelo actor David Costa, ecoando com a interpretação feminina do Vaqueiro em 1912 por Adelina Abranches.

A selecção dos materiais apresenta o repertório vicentino promovido pela maior parte das companhias de teatro em actividade em Lisboa e fora da capital desde as últimas décadas do século XX, em encenações assinadas por nomes associados à reapropriação moderna e irreverente do repertório vicentino no caso da actriz e encenadora Maria do Céu Guerra

que, no *Pranto de Maria Parda* apresentado pela Barraca em 1992, reinterpreto a personagem na sua dimensão humana, despindo-a da imagem canónica cristalizada pela leitura ideológica tradicional de Gil Vicente, «pai do teatro português». Nela «reconhece-se a alegoria da escassez, a velhice do corpo, a etnia mulata e o inconformismo com a falta de bens vitais». Com uma preocupação de exaustividade, a exposição inclui uma versão pouco habitual da figura de *Mofina Mendes* que dá nome a um quadro da revista *Tudo na Lua*, pela companhia Eugénio Salvador em 1959, e programas de teatro televisivo na RTP. Uma outra particularidade do modo de renovar a recepção de um «clássico», como, por exemplo, o espectáculo *Autos da Feira, do Vaqueiro e das Fadas*, em 1990, encenado com o Teatro de Portalegre por José Mascarenhas.

A organização do percurso da exposição assenta numa estrutura baseada em dez núcleos temáticos inspirados pela dramaturgia vicentina: sob o título *Corte*, descobrimos o espaço das «rainhas, princesas, damas e donzelas», com uma fotografia de atelier de Teixeira Lopes, de 1912, da mítica cena do *Monólogo do Vaqueiro* no quarto da rainha D. Leonor; no painel *Ruralidade*, dedicado ao mundo campestre e pastoril destacado na obra vicentina, figuram ao lado das personagens masculinas, em ambiente festivo, as pastoras e serranas, que segundo Gil Vicente, «valem mais que as cidadãs»; as ciganas e as mouras ilustram o tema *Etnias* que também retém as personagens de mãe e filha judias do *Auto da Lusitânia*; no painel *Alegorias* a Morte surge inevitavelmente entre outras figuras; o Anjo e o Diabo são integrados nos materiais do tema *Mitologias*, refletindo a pluralidade das fontes utilizadas pelo dramaturgo, a partir das fontes clássicas greco-romanas ou cristãs; contrastando com os painéis anteriores, a exposição prossegue com uma das vertentes mais interessante dos recursos usados, ou seja, o desconcerto na condição feminina que se traduz na *Desordem* provocada pela rebeldia ou a revolta da mulher inconformada com o seu estatuto; a *Alcovitaria* surge naturalmente ao lado do painel anterior, com um reforço da sua comicidade algo

caricatural que atravessa nas fotografias todos os tratamentos dados à personagem ao longo do tempo; a seguir surge uma outra figura feminina popular, a feiticeira que, apesar de estar ligada à prática da magia, é «sempre apresentada como praticante do bem»; o conjunto das imagens que evocam o tema da *Velhice* traz uma citação retirada da peça *O Velho da Horta* que sintetiza uma percepção negativa do dramaturgo sobre a falta de juízo de tais personagens, apesar da sua idade; o último painel, *Conflito Mãe/Filha* fecha a exposição com o tema do conflito de gerações, sempre como motivo cómico nas farsas, sendo a mais famosa *A Farsa de Inês Pereira*.

A difícil tarefa de seleccionar os materiais expostos foi levada a bom porto. Organizados segundo um critério de representatividade teatral e dramaturgica que sustém o eixo discursivo e dramaturgico da exposição, fazem sobressair os traços próprios da personagem feminina, e não só. Se são diversas as mulheres no teatro de Gil Vicente, também o são as intérpretes que lhes deram vida no palco, actrizes consagradas ou jovens menos experientes.

Termino com uma nota final sobre a importância da inclusão dos documentos videográficos na entrada da sala. Dando acesso à dimensão performativa do teatro de Gil Vicente quando posto em cena, permitem fazer justiça ao humor e à comicidade da sua obra, e em particular à riqueza das personagens de mulheres que continuam a ganhar vida graças a actores e actrizes que delas fazem figuras do teatro contemporâneo.

Christine Zurbach